



APLAC 25 ANOS

Vereda Grande: 25 léguas num sonho

Edição comemorativa ao **Jubileu de Prata** da APLAC

*Academia Planaltinense de Letras, Artes e
Ciências – APLAC*

Vereda Grande:
25 léguas num sonho
- 1ª edição -

Edição comemorativa ao **Jubileu de Prata** da APLAC
Planaltina-DF, 2023

*Copyright © by APLAC – Academia Planaltinense de
Letras, Artes e Ciências – 2023*

Coordenação Editorial

*Geraldo Ramiere
Muna Ahmad Yousef
Silvano Colli*

**Organização, Diagramação
e Revisão de Textos**

Joésio Menezes

Capa

Priscila Carolina

Fotos da capa

Gustavo Bays

Contatos

*aplacdf@gmail.com
(61) 98424.3347*

A168v

Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências.

Vereda Grande: 25 léguas num sonho / Academia Planaltinense de
Letras, Artes e Ciências. - Planaltina-DF: Artecór Gráfica e Editora
Ltda, 2023.

96 p.: 15x21 cm

ISBN

1. Crônicas brasileiras. 2. Poesia brasileira. 3. Contos brasileiros.

1. Título.

CDD 869.8

Catálogo na fonte: Carolina Perdigão CRB1-1898

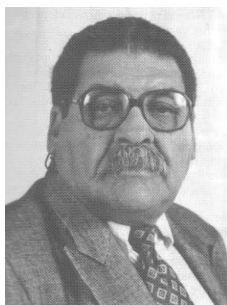
Todos os direitos reservados aos autores. De acordo com a Lei nº
9.610/98, a violação desses direitos é crime estabelecido pelo art.
184 do Código Penal Brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Nossos **sinceros** e **eternos** agradecimentos:

- a *Francisco de Paula Gomes Filho, Mário César de Sousa Castro e Pedro Mendes da Luz*, idealizadores e fundadores da APLAC;
- aos presidentes da APLAC no período de 1998 a 2019: *Pedro Mendes, Mário Castro, Kora Lopes, Geralda Vieira e Xiko Mendes*;
- aos confrades já falecidos, que, além da saudade, deixaram contribuições valiosíssimas à Cultura local e, principalmente, ao engrandecimento da nossa confraria;
- aos confrades e colaboradores, que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que pudéssemos chegar até aqui.

PRESIDENTE DE HONRA DA APLAC



Dr. Pedro Mendes
(1936-2019)

Idealizador, fundador e primeiro Presidente da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências – APLAC, **Pedro Mendes da Luz** nasceu na Fazenda Varjão, no município de Carolina–MA (hoje, Estreito-MA), onde viveu até os 15 anos. Inconformado com a miséria naquela região, saiu em busca de “melhores dias” e aportou em Goiânia-GO, em meados de 1952. De 1954 a 1960 trabalhou como Topógrafo/Agrimensor naquela cidade.

Em 1970 ingressou na Faculdade de Direito de Anápolis-GO (FADA), porém formou-se Advogado na Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal (AEUDF), no ano de 1973. Em 1976 esteve à frente da direção da Associação Comercial do DF (ACDF) e em 1977 foi um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial de Planaltina-DF (ASCIP). No ano seguinte fundou, também em Planaltina-DF, a empresa *O Mestre D'Armas Editora Ltda*, responsável pelo jornal “O Mestre D'Armas”. Em 1980 assumiu a Presidência da ASCIP; e em 1985 foi nomeado Chefe do Departamento Jurídico do Serviço de Limpeza Urbana (SLU).

De 1987 a 1989, foi Administrado Regional de Planaltina. De 1992 a 1994 prestou serviços jurídicos ao município de Planaltina de Goiás (Brasilinha), em que exerceu as funções de Chefe do Serviço Jurídico da Área Social.

ATA DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA PLANALTINENSE DE LETRAS

Aos cinco dias do mês do dezembro de hum mil novecentos e noventa e oito, no Museu Histórico e Artístico de Planaltina-DF, sito à Praça Salviano Monteiro Guimarães, S/N, no Setor Tradicional desta cidade, iniciou-se, às quinze horas, a reunião dos intelectuais convidados pela Comissão Organizadora da Fundação da Academia Planaltinense de Letras (APL), ora composta pelos Professores **Francisco de Paula Gomes Filho** (Xico), **Francisco da Paz Mendes de Souza** (Xiko Mendes), **Mário César de Sousa Castro** e pelo Dr. **Pedro Mendes da Luz**, para discutir os assuntos previstos na Ordem do Dia conforme seguem: Primeiro: fundação da APL; Segundo: Escolha do logotipo da entidade; Terceiro: Outros temas julgados pertinentes pela maioria dos presentes. Na condição de Presidente da Mesa, Dr. Pedro Mendes da Luz agradeceu aos intelectuais pela participação e expôs os motivos que justificaram a criação da instituição. Concedeu a palavra para que todos os presentes apresentassem os seus dados biobibliográficos, momento em que destacou-se o depoimento do confrade e meritíssimo Juiz da Comarca local, Dr. **Ademar Silva de Vasconcelos**, que sugeriu o encaminhamento à Rede GLOBO de Televisão de um ofício solicitando a inclusão de Planaltina na programação do Projeto: "BRASIL: QUINHENTOS ANOS". As propostas colocadas, individualmente, em regime de votação, por aclamação, foram aprovadas por unanimidade: a fundação da Academia Planaltinense de Letras, o envio da correspondência à TV Globo e o logotipo da entidade, cujo modelo original teve alteração por sugestão aprovada do confrade Dr. **Salviano Antônio Guimarães Borges**: o círculo amarelo contendo o desenho da Pedra Fundamental muda-se para o dourado; e, os ramos de louros na horizontal mudam-se para circundantes a próximo da altura da "Pedra".

Em seguida, o Professor Mário Castro fez a leitura dos nomes dos titulares de cada cadeira bem como dos patronos ou patronesses (já conhecidos), além de entregar a cada confrade uma Ficha de Identificação dos membros da entidade. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada esta reunião às dezesseis horas, depois de lavrada, lida e aprovada a presente Ata, que segue assinada por mim, Francisco da Paz Mendes de Souza, Secretário indicado para esse fim, e pelos demais presentes, membros fundadores desta **Academia Planaltinense de Letras**. Esta cópia de Ata foi extraída do seu original manuscrito em Livro Próprio onde, para efeito de conferência legal, encontra-se a íntegra de seu conteúdo documental como expressão fiel de sua veracidade.

Planaltina-DF, 05 de dezembro de 1998.

Pedro Mendes da Luz
Presidente

Francisco da Paz Mendes de Souza
Diretor Administrativo

“Se escrevo o que sinto é porque assim diminuo
a febre de sentir.”

– Fernando Pessoa –

PATRONOS DA APLAC



FERNANDO PESSOA
(13/6/1888 – 30/11/1935)
- Patrono Máximo -

- Cadeira 1: *Manuel Bandeira*
- Cadeira 2: *Celestino Filho*
- Cadeira 3: *Carlos Drummond de Andrade*
- Cadeira 4: *Regina Fittipaldi*
- Cadeira 5: *João Correia Silva*
- Cadeira 6: *Olímpio Gonzaga*
- Cadeira 7: *Bernardo Élis*
- Cadeira 8: *Juscelino Kubitschek*
- Cadeira 9: *Damásio de Jesus*
- Cadeira 10: *Sinval Gonçalves de Oliveira*
- Cadeira 11: *Castro Alves*
- Cadeira 12: *José Décio Filho*
- Cadeira 13: *Augusto dos Anjos*
- Cadeira 14: *Graciliano Ramos*
- Cadeira 15: *Vinícius de Moraes*
- Cadeira 16: *Dilermando Meirelles*
- Cadeira 17: *Gabriel Monteiro Guimarães*
- Cadeira 18: *Humberto de Campos*
- Cadeira 19: *Cel. Salviano Monteiro Guimarães*
- Cadeira 20: *Dr. Hozannah Campos Guimarães*
- Cadeira 21: *Prof^a. Maria América Guimarães*
- Cadeira 22: *Wolney Milhomem*
- Cadeira 23: *Arquimedes Vieira Brito*

Cadeira 24: *Manuel E. Malaquias* (Manelão)
Cadeira 25: Des. *Humberto Eustáquio Martins*
Cadeira 26: *José Balduino de Souza Décio*
Cadeira 27: *José Geraldo Pires de Melo*
Cadeira 28: *Paulo Leivas Macalão*
Cadeira 29: Pe. *Bauduíno Rambo*
Cadeira 30: *Eliacena Pereira da Costa*
Cadeira 31: *José de Alencar*
Cadeira 32: *Guimarães Rosa*
Cadeira 33: *Rui Barbosa*
Cadeira 34: *Vivaldo Bernardes de Almeida*
Cadeira 35: *Judith Alves de Alarcão*
Cadeira 36: *Érico Veríssimo*
Cadeira 37: *Hely Lopes Meirelles*
Cadeira 38: Prof^a. *Eurides Brito*
Cadeira 39: *Cora Coralina*
Cadeira 40: *Osvaldo Cruz*
Cadeira 41: *Francisco de Paula Gomes Filho*
Cadeira 42: *Paulo Bertran*
Cadeira 43: *Delfino Domingos Spézia*
Cadeira 44: *Lauro Morhy*
Cadeira 45: *Neiva Zelaya*
Cadeira 46: *Viriato de Castro*
Cadeira 47: *Vitorino Bevinhati*
Cadeira 48: *Rita Salgado*
Cadeira 49: *Franklin Graham*
Cadeira 50: Pe. *Antônio Marcigália*
Cadeira 51: *Renato Russo*
Cadeira 52: *Raul Seixas*
Cadeira 53: *Dulcina de Moraes*
Cadeira 54: *Santiê Tapuia*
Cadeira 55: *João Gabriel Gondim de Lima*
Cadeira 56: *Cassiano Nunes*
Cadeira 57: *Teodoro Freire*
Cadeira 58: *Paulo Freire*
Cadeira 59: *Urbano do Couto Menezes*
Cadeira 60: *Pedro Ludovico Teixeira*

Sumário

Apresentação:

13 - APLAC: 25 anos de História, Arte e Cultura

16 - Bebetto Nunes

17 - *Old School*

18 - Poeta oculto

19 - Eduardo Durães

20 - Planaltina

22 - Árvore

26 - Geraldo Ramiere

27 - Rapsódia planaltinense

28 - Encantamento

29 - Meu coração é uma árvore retorcida

30 - Armistício

31 - Planaltina numa cápsula do tempo

37 - Gustavo Bays

38 - Corpo de água (série fotográfica)

41 - Joésio Menezes

42 - As meninas da Marechal

44 - Gardênia

47 - O corpo

50 - Luiz Felipe Vitelli

51 - ZBM-1983

52 - Travessa Planaltina nº 0

53 - Tenso

54 - Bússola do avesso

55 - Ópera *Brasília*

56 - Tudo nada

57 - Toda razão

58 - Marcos Freire Júnior

59 - 18 de outubro de 2023

60 - (Hai)Cais de mim/À minha mãe/Às mulheres

61 - À minha mãe Carolina

62 - Ao meu pai Marcos Freire

- 63 - Para Nico, à Vitória
- 64 - Ao Mestre Liu Pai Lin
- 65 - Ao Mestre Woo
- 66 - *Olim in orbis planetarium*
- 67 - Ao Mestre Aristein, com carinho
- 68 - Feliz aniversário
- 69 - Dia de seu aniversário
- 70 - Entre Olinda e Planaltina
- 71 - Tereza é o nome da Mina

72 - Muna Ahmad Yousef

- 73 - Crônico
- 74 - Arthur
- 75 - Caminhamento
- 76 - Do nada
- 77 - Fotografia
- 78 - Oscar
- 79 - Ela
- 80 - Feitiçaria

81 - Rafael Menezes

- 82 - A mulher
- 84 - A sua bênção, mãe!

88 - Silvano Colli

- 89 - A lenda das Águas Emendadas

92 - Xiko Mendes

- 93 - Centésimo ano da Pedra Fundamental de Brasília
- 96 - Acadêmico não é imortal

APLAC: 25 anos de História, Arte e Cultura

A ideia de se criar uma Academia de Letras em Planaltina surgiu lá em dezembro de 1978, quando da fundação do já extinto jornal O MESTRE D'ARMAS. Na ocasião, o jornalista e escritor *Wolnei Milhomen* e o advogado – e também escritor – *Celestino Filho*, ambos membros da **Academia de Letras de Brasília** (e Patronos da APLAC), sugeriram ao então diretor daquele jornal, o advogado *Pedro Mendes da Luz* (1936-2019) que se fundasse a “Academia Planaltinense de Letras”, como uma forma de homenagear os planaltinenses e de se fazer justiça àqueles que estivessem engajados no culto da língua, da literatura e dos conhecimentos gerais voltados aos problemas sociais, científicos e culturais da cidade.

Vinte anos mais tarde, o professor de Língua Portuguesa e revisor do jornal “O Mestre D’Armas”, *Francisco de Paula Gomes Filho* (*in memoriam*) resgatou a ideia daqueles dois escritores de se criar uma Academia de Letras em nossa cidade e a reapresentou ao Dr. Pedro Mendes, que abraçou a causa de forma entusiástica. Para fazer parte do projeto “Academia de Letras”, Francisco de Paula e Pedro Mendes procuraram o Professor, Historiador e escritor *Mário César de Sousa Castro*, filho de Planaltina e grande conhecedor e difusor da Cultura local. Os três, então, se juntaram e levaram o projeto adiante. O Prof. Francisco da Paz Mendes de Souza (Xiko Mendes) foi convidado e veio a agregar-se aos idealizadores. Juntos, os quatro compuseram a *Comissão de Fundação da APL* responsável pela elaboração da

documentação (Estatuto, atas, etc). Assim nasceu, em 5/12/1998, a **Academia Planaltinense de Letras** (hoje, Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências), e a Sessão de Instalação e Posse ocorreu em 20/12 daquele ano.

Daquele **5 de dezembro de 1998** para cá, a Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC) organizou e desenvolveu inúmeros projetos solos e em parceria com alguns organismos públicos e *Coletivos Culturais* da cidade; e dentre tais projetos estão a publicação de cinco Antologias Poéticas (*Momento literário de Planaltina/1999*; *Sonhos e saudades na abertura do III milênio/2000*; *Palavras, sentimento e paz/2002*, *2º Momento literário de Planaltina: Uma viagem onírica/2009* e *A musa debutante: 15 anos navegando em Águas Emendadas/2013*), a promoção de vários Saraus de Música e Poesia e algumas apresentações Teatrais.

Em 2010, a APLAC lançou o **Planaltina em Letras** (hoje, RIMA-DF), um informativo com edições trimestrais em que são divulgados os eventos culturais e a literatura da cidade, em circulação até hoje. Em 2011, a APLAC, em parceria com a Regional de Ensino e a Administração Regional de Planaltina, promoveu o **I Concurso Artístico e Literário** “*Planaltina, Um Novo Olhar: Orgulho pelo Passado e Compromisso com o Futuro*”. O referido Concurso – alusivo aos 152 anos de Planaltina – foi destinado aos alunos das escolas públicas da cidade; em 2019, desenvolveu – em 17 escolas públicas de Planaltina, no IFB e na FUP/UnB – o projeto **Sarau LABUTA**, por meio do qual foram apresentadas: músicas, poesias, contação de histórias e palestras voltadas à história, à cartografia, à arquitetura e à religiosidade planaltinenses; entre 2018 e 2020 organizou o projeto que resultou no livro “*Miragens Flutuantes*”, coletânea de textos e desenhos de estudantes de onze escolas públicas

em homenagem aos 50 anos da Estação Ecológica de Águas Emendadas; e em 2022, em parceria com o *Coletivo Nativo*, organizou e realizou o projeto “100 anos da Pedra Fundamental: Patrimônio e Memória”.

E hoje, no ano em que se comemora o **Jubileu de Prata** da nossa confraria, trazemos a lume a obra *Vereda Grande: 25 léguas num sonho* (6ª Antologia), em que se reúnem textos, fotos e pinturas de 11 integrantes da APLAC.

Como se vê, a Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências – cujo Patrono Máximo é o poeta português **Fernando Pessoa**– não mais é apenas um sonho, mas sim uma realidade palpável e fecunda que veio para ficar; prova disso são os trabalhos que a APLAC e alguns dos seus acadêmicos vêm desenvolvendo ao longo de todos esses anos, desde a sua fundação, lá em 05/12/1998.

Metaforicamente falando, **Vereda Grande: 25 léguas num sonho** é como se traduzem os tantos caminhos que trilhamos para a APLAC chegar até aqui, estando, pois, preparada para as comemorações de seus trint’anos em 2028.

Diretoria - APLAC

BEBETTO NUNES

Cadeira nº 41

Patrono: Francisco de Paula Gomes Filho



Formado em Letras/Português, **Bebetto Nunes** (pseudônimo de Paulo Roberto da Silva Nunes) tem imensa paixão pela Literatura e pelas Artes Plásticas.

Autor do livro ***Pôr dos sonhos*** (Editora Multifoco) e idealizador e coordenador do projeto *Arte em Trânsito* (que deu à luz o livro ***Poesia Arte em Trânsito: Dia Mundial do Rock***), Bebetto Nunes é Membro Efetivo de dois grupos Artístico-Culturais: *Celeiro Literário* e, desde 2019, *Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC)*, ambos do Distrito Federal.

Old School

Aquele maluco do bar
que tocava *rock'n roll*,
tinha ódio dos punks,
tinha soqueiras e facas
escondidas no coturno,
devia dinheiro aos traficantes
e também às putas,
corria pelado na frente da igreja
quando dava na telha,
tomava remédio controlado
esperando sair do controle
e tinha mania de urinar
nos postes feito cachorro.

Aquele maluco do bar
que tocava *rock'n roll*...

Poeta Oculto

Ilusório trovador, seu canto é silencioso!
É solidão! Senão também misterioso!
Umbrático poeta, sua inspiração é vazia
que nem exílio, porque é utopia.

Conquistador de versos, seus versos letárgicos
que vagueiam no limbo, sem qualquer significado,
que são falas obscuras, mas que também são afagos,
que deixam você, poeta, um completo afortunado.

Você tem o real propósito de inexistir
de inebriar, bem como o de confundir,
pois saiba que “o Nada” é governador de ausências.

Desde que você foi nomeado, Poeta Oculto,
você e sua morada inominável
bem como é inabitável.

EDUARDO DURÃES

Cadeira nº 51

Patrono: Renato Russo



Filho do poeta Francisco Durães (um dos fundadores da APL, hoje APLAC) e da professora de Artes Francisca Cabral, **Eduardo Durães** nasceu em Planaltina-DF (em 10 de agosto de 1975), onde até hoje reside.

Casado com a professora e cantora Camila Castro (com quem faz parceria musical) e pai de dois filhos (Caio e Francisco), **Eduardo Durães** foi criado entre as artes dos pais, o que o vocacionou e o inseriu na Cultura. Em consequência disso, hoje ele é produtor cultural, compositor e poeta.

Autor de vários textos publicados em periódicos da cidade e nas redes sociais, Eduardo Durães está trabalhando para tirar do prelo o seu primeiro livro de poesias.

Em julho de 2017, foi diplomado e empossado como **Membro Efetivo** da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC), onde ocupa a Cadeira nº 51, patronada pelo cantor e compositor Renato Russo.

Planaltina

Minha Planaltina querida
De Mestre D'Armas nascida
Centenária cidade natal
Da recém nascida capital

Em casarões conta sua história
De sua gente e suas glórias
De coronéis do passado
Que pelas ruas são lembrados

Da velha Pedra Fundamental
Que marcou a vinda de Brasília capital
Da Igrejinha velha, linda e pitoresca
Do museu cercado por sombra fresca

Uma cidade de muitas tradições
De culturas e diversas religiões
Do carro de Bois e seus carreiros
Dos cavaleiros, muares e tropeiros

Da Festa de Santa Rita e São Vicente
Da Agropecuária já mais recente
Da Folia de Reis e São Sebastião
Do Divino Espírito Santo e Pimentão

Da Via Sacra e sua encenação
Da Sexta Feita Santa a sua paixão
Do místico Vale do Amanhecer
Doutrinas que aqui vieram nascer

Da Evangelística Cruzada
Que pela fé dos irmãos é amparada
Das Afrodescendentes religiões
De todas as crenças e manifestações

Do Setor Sul, Norte e Tradicional
Arapoanga, Condomínios e Área Rural
Estâncias, Vila Vicentina e os Buritis
Vila de Fátima, Bairro e Jardim Roriz

De antigos e novos moradores
Que aqui tiveram suas dores e amores
Essa cidade que a todos acolheu
Que muitos amam, não só eu...

Árvore

Sou a árvore cansada que caiu
Sozinha no pasto e ninguém viu
Agora deitada descanso em paz
Lembranças o vento sempre me traz
De tempos felizes de tempos atrás

Era muito nova, mas me lembro
De minha família sou o último membro
Do voo do beija flor que me largou
E aquela pequenina semente que brotou
E ao ver a mata em sua volta se apaixonou

Ao meu redor árvores novas e velhas
Pássaros, coelhos, lobos e abelhas
Tudo em volta em perfeita natureza
Com tamanha força e intacta beleza
Fauna e flora de extrema riqueza

Décadas e séculos de alegria
A maldade por aqui não agia
Árvores seculares e suas lembranças
Suas histórias, suas heranças
E pelas noites os bichos e suas andanças

Bem perto de mim havia um belo ribeirão
Aos peixes e toda a fauna era a salvação
Em época de chuvas, as margens tomavam
E suas águas límpidas transbordavam
E na seca o velho ribeirão nunca secava

O céu era mais claro durante o dia
É bem mais escuro em noite fria
Por aqui não faltava humildade
Vivíamos em perfeita irmandade
O ciclo da natureza, sua vida e sua verdade

Um dia um barulho de longe se escutava
A bicharada rápida por lá passava
Em seus olhos um medo nunca visto
E até em pesadelos nunca previsto
Não sabia o que vinha e o que era isto

Logo aquele barulho foi aumentando
E naquele lindo vale foi chegando
Máquinas que soltavam ar negro poluído
E por onde passavam tudo era destruído
Dia e noite trabalhavam, em minha volta tudo caído

Havia perdido quase tudo que na vida amei
Em uma tristeza profunda me apaguei
Mergulhei meus olhos no breu da escuridão
Em volta pastos, cercas e em tudo solidão
Uma dor profunda se abatia em meu coração.

Dias passaram, semanas e meses voaram
Eu pensando porque não me mataram
Nessa total e apocalíptica destruição
Onde está o senhor de nossa criação
Que não tentou e nem fez nenhuma intervenção

Porque ficou inerte só a observar
Poderia pelo menos tentar nos salvar
Não entendo o silêncio de meu criador
Porque deixou acontecer tanta dor
Um dia pessoalmente perguntarei ao senhor

Em uma manhã chegaram caminhões
E desceram centenas de animais sem emoções
Grandes de couro branco e seus filhotes
Que com ferro marcados em lotes
Rápido engordavam esses garrotes

Aquele belo vale se transformou em vale da morte
Pobres animais quando chegavam a certo porte
Eram levados em caminhões selados
Seus destinos há muito já traçados
E os filhotes dos pais em agonia separados

O ciclo da natureza abalado e ceifado
E há destino sombrio naquele vale em morte crivado
Assim permaneci sozinha por tempos, por anos
O ribeirão morreu devido aos sérios danos
À custa da humanidade e seus atos profanos

Agora deitada em silêncio em solitária espera
Do último sopro que a natureza me dera
Ainda viva, os homens meu corpo foram cortando
E aos poucos minha vida foram ceifando
Meus olhos fechando, e mesmo assim os perdando

Acordo em uma nova floresta
E meu acordar se transformou em festa
Em volta, minhas velhas amigas sorridentes
Minhas queridas irmãs, minhas parentes
Os animais por toda parte correndo contentes

O velho ribeirão e suas lindas corredeiras
Livres do açoite e de suas barreiras
Vejo seres de luz encantadas, seres celestiais
Saboreando juntos variadas frutas matinais
Brincando e vivendo em paz com os animais

Uma luz vem calmamente se aproximando
Um ser de grandiosa paz e luz emanando
Vem até a mim e pausadamente me diz
Sei de tudo que criei e tudo que fiz
Mas a humanidade com a luz não condiz

Criei tudo com rara é tamanha beleza
Não queria pobreza e nem nobreza
E no fim de tudo, criei a humanidade
E a ela não ensinei nenhuma maldade
Mas os presenteei com a liberdade

Com seu livre arbítrio a cada um
Nem mais nem menos a nenhum
Os criei como filhos meus
E hoje muitos deles são ateus
Me negam como negaram Jesus os fariseus

Vivem por nobrezas e riquezas
O ouro convence até suas profundas tristezas
Por isso criei um novo paraíso aos bons
Com todos os sons, cores e tons
Por aqui prevalecem os sete dons

Só vem ao Pai quem é merecedor
E muitos como você, vêm a mim pela dor
Por aqui viverá seus séculos sem fim
Sem diferenças de cor, escolhas e credos enfim
Só os de bom coração virão até mim...

GERALDO RAMIERE

Cadeira nº 58

Patrono: Paulo Freire



Geraldo Ramiere de Oliveira Silva, poeta e contista de Planaltina-DF, é professor de História da Secretaria de Estado e Educação do DF e produtor/militante cultural. Escreve há mais de vinte anos e, desde 2002, tem poemas e contos publicados em forma escrita (periódicos, antologias e revistas literárias) e no meio virtual. Por várias vezes foi premiado em concursos literários por todo Brasil. Possui livros de poesia e de contos ainda inéditos, os quais pretende publicar em breve, e a página literária **Céus Subterrâneos** (Blog), na qual divulga seus escritos. Realizou diversos Saraus na cidade, entre outras produções culturais.

Nos últimos anos, Geraldo Ramiere vem se dedicando, também, às declamações poéticas, apresentando-se por todo DF. Já participou de diversos grupos e coletivos, onde sempre incentivou a difusão da literatura. De 2006 a 2010 produziu um programa de poesia e música na **Utopia FM**, rádio comunitária local.

De 2011 a 2014 foi coordenador da *Biblioteca Monteiro Lobato*, a maior biblioteca pública de Planaltina, realizando ali inúmeras atividades literárias. Atualmente é membro da *Associação Cultural Tribo das Artes* e benemérito da *Academia Inclusiva de Autores Brasileiros* (AIAB), além de ter tomado posse, em dezembro de 2019, como **Membro Efetivo** da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências – APLAC, ocupando a cadeira nº 58, patronada por Paulo Freire.

Rapsódia planaltinense

Feito um Cristo recém-ressuscitado
Daqui do alto do Morro da Capelinha
Eu estendo os braços e contemplo
Brasília com suas asas, quebradas
E ao redor de suas órbitas esquecidas
Todas as dores das cidades expandidas
Que meu coração Planaltina consegue sentir

Feito *Luís Cruls* numa miragem de estrelas
Testemunho-te, antes mesmo de nasceres
Da esperança empoeirada de tantos sonhos
No concreto soterrados e em andaimes erguidos
Traçada por desenhos planos, porém transcrita
Pelas linhas tortas de inúmeras mãos candangas

Feito dona Geralda Vieira, declamo a minha poesia
Planaltinense, a primeira que escreveu Brasília
Como um casarão que resiste ao tempo e às ruínas
Como um corpo que, mesmo cravado de balas, respira
Sendo Pedra Fundamental ou preto pobre da periferia
Seguindo as Águas Emendadas do nascer de um novo dia

Encantamentos

Há séculos aprendi
A magia vem das palavras

Primeiro na Mesopotâmia
Pronunciando verbos
Depois sacerdote egípcio
Recitando sob o sol do Nilo
Em Delfos sendo sibila
E com Hipácia em Alexandria
Alquimista transmutando versos
Xamã para siberianos e ameríndios
Em poéticas transcendentais
Com nórdicos rimei runas
E druida declamei em Stonehenge
Fui místico num Japão antigo
Antes de ser mago em várias terras
Pajé evocando a poesia do remédio
E griô iorubá no Império de Oyo
Por fim me chamaram de bruxa
Nas fogueiras da Inquisição

Na contemporaneidade, essa magia
Reencontrou-me de forma diferente
E quando eu recentemente nasci
Não demorou muito para me descobrir
Neste ser poeta, fazendo feitiçaria
Com meus encantos e encantamentos

Meu coração é uma árvore retorcida

Feito tudo que nasce do cerrado
Dentre as queimadas é onde cresço
E no brotar de um novo recomeço
Do cinza ressurjo a cada reflorescer

Feito tudo que nasce do cerrado
É após o fogo que me fortaleço
Não esse incendiar cruel que devasta
E descontrolado sem piedade devora
Mas sim, a brasa que arde necessária
No meu peito e dentro dele aflora
E pela grossa casca de todo seu apreço
Segue em linha reta neste torto agora

Meu coração é uma árvore retorcida
Uma sobrevivente a mais desta terra
Que sob verdes folhas escuras verte
Seu sangue vivo em vermelha cor
E meus frutos e sementes são pros pássaros
O alimento que a nós sempre retorna

Armistício

Que todas as armas
Sejam substituídas por poemas
E que de agora em diante
Os humanos resolvam seus conflitos
Através de batalhas de rimas
De trovas ou repentens

Que todas as desavenças
Convertam-se em versos
Livres de qualquer rancor
Trazendo àquelas palavras
Antes hostis em trincheiras
Um perene tratado de paz

E toda guerra estará extinta
Quando a sensibilidade suprimir
As letras insustentáveis do ódio
Permitindo, assim, que o diálogo dite
Um novo enredo, uma nova história
Sem páginas rasgadas, poeticamente

Planaltina numa cápsula do tempo

Como uma bailarina ébria de si mesma, dançava em volta do obelisco sem as antigas correntes que antes lhe circundavam. Mal amanhecia e eu, ao lado dela, já começava com as fortes pancadas da minha escavação naquele concreto secular, observando em seus olhos desertos meu rosto se refletindo em miragem. No alto do Morro do Centenário, Planaltina sorria-me numa tristeza perceptível talvez apenas por mim, continuando em seu bailar solitário, enquanto eu cavava arduamente sem cessar. Quantos dias e sentimentos podem conter numa cápsula do tempo? Pensei tão alto que meu silêncio ecoou pelos ouvidos. Silêncio que acabara de se findar com o burburinho das pessoas que agora chegavam por lá. Afinal era uma data comemorativa e muitos realmente viriam para ver aquele monumento na maioria das vezes abandonado. Ou será que eram pessoas atrás do mesmo que nós? Certo era que já não estávamos mais sozinhos. E ao meio-dia daquele 7 de setembro de 2022, sob um céu azul navegado por ilhas brancas em formato de nuvens, finalmente encontramos o que tanto procurávamos. Desenterrei aquela caixa de ferro similar a um baú, tão pesada quanto o meu coração, exatamente cem anos após a mesma ser soterrada ali, debaixo da Pedra Fundamental que marcaria a futura capital do país. Quebrei o cadeado com um só golpe. Em minha mente borbulhavam imagens do que poderia estar lá dentro. Haveria de fato um tesouro ali? Só havia um jeito de saber. Comecei a abri-la. E foi neste instante que Planaltina, segurando minhas mãos trêmulas, disse-me quase sussurrando:

— Deixa que eu te ajudo.

Se a memória é alma de uma cidade, suspeito que a de Planaltina habita num lugar entre a lembrança e o esquecimento. No coração supostamente vazio do Planalto Central, ela foi nascendo lentamente, passo a passo, de vereda em vereda, via por via, a cada novo caminho torto deste chão cerrado de árvores retorcidas, entre a estrada real e os atalhos dos plebeus, filha, dizem, de um mestre de armas e provavelmente de mais uma mulher sem nome. Sei que meu tataravô conheceu Planaltina desde que era criança, brincando nas ruas de terra e casas de adobe. Todas as noites admirava as estrelas. Foi ela quem lhe consolou quando perdeu quase toda a sua família para a terrível peste, exceto por uma tia que sobreviveu para cuidar dele. E assim juntos os dois estavam também quando ajudaram a guiar aquela comissão de exploradores que por aqui passou demarcando o quadrilátero do que seria o futuro Distrito Federal. Reza a lenda que como agradecimento *Luís Cruls* lhe deu a luneta que trazia consigo e com esse presente subia até a colina, conhecida posteriormente como Morro do Centenário, com Planaltina sempre ao seu lado, para mirar os mapas feitos de constelações. Quando morreu, foi seu filho único quem lhe fez companhia para esta cidade tão sozinha. E é justamente com meu bisavô que começa a história da cápsula do tempo soterrada sob a Pedra Fundamental.

O que falam é que no ano de 1922 dezenas de pessoas vieram para inaugurar aquele que seria o símbolo da nova capital da República, pessoas consideradas muito importantes, inclusive o presidente. E entre tantos engravatados, estava meu bisavô, um simples vaqueiro, auxiliando e acompanhando a comitiva até o local onde construiriam aquele monumento. Ninguém se recorda ao certo de quem foi exatamente a ideia de enterrar os objetos sob a Pedra Fundamental. Sabe-se somente que trouxeram uma linda caixa de ferro direto do Rio de

Janeiro com diversos itens para serem deixados, segundo eles, como um presente para as futuras gerações. Mas que sentido haveria em construir algo com tanto trabalho para ser destruído depois? Muitos falaram que na verdade naquela caixa esconderam um tesouro antigo, ouro talvez, e decidiram escondê-lo ali, no ventre ainda virgem de uma jovem Planaltina. Uns comentam que foi para disfarçar, outros que se tratou de uma gentileza com os presentes, mas o que ficou guardado nas palavras que foram repassadas ao longo das décadas é que cada pessoa que acompanhou a cerimônia de edificação daquele monumento, cercado por correntes e erguido exatamente no centro dos paralelos 15º e 20º sonhados por Dom Bosco, pôde depositar um objeto pessoal seu dentro do recipiente. Rara é a documentação sobre o que cada pessoa colocou, mas do meu bisavô sei o que foi deixado: seu chapéu de boiadeiro, o mesmo de várias cavalcadas, o bem mais importante que possuía naquele momento.

Meu avô era o caçula de uma família formada até então de filhas apenas. Ainda muito novo trabalhou nas obras da construção de Brasília desde seu início, seguindo o mesmo sonho de tantos que para cá migraram de lugares tão distantes deste país. Para ele até que não foi tão complicado, pois conseguia ir e voltar para sua casa no mesmo dia, mesmo sempre sofrendo dentro do ônibus quente e coberto pela poeira. Ele e Planaltina nunca foram muito próximos. Ela sabia que o amor dele era para outra cidade e respeitava isso. E com a mesma enxada que arava as poucas terras da sua família, aprendeu pouco a pouco a fazer o concreto armado que enchia os andaimes que rapidamente levantavam os prédios da dita Capital da Esperança. Nem conseguia mais contar as vezes que perdeu companheiros de trabalho caídos do alto das construções, ignorados pela pressa e esquecidos sobre o cimento. Cumpria as ordens iguais a todos e trabalhava incessantemente, quase sempre gastando seu dinheiro

nos bordéis que começaram a surgir na avenida onde morava. Quando finalmente Brasília foi inaugurada, estava com os demais pioneiros que não puderam entrar nos prédios que construíram. Contudo, por coincidência foi justamente ele que conseguiu pegar o relógio lançado pelo presidente JK para a multidão. Ficou tão feliz que na hora nem percebeu que estava sem ponteiros. Contam que dois anos depois, pouco antes de morrer de alcoolismo, perdeu esse mesmo relógio na Pedra Fundamental quando levou seu filho mais velho para conhecê-la. Neste dia, Planaltina apaixonou-se pelo meu pai, cuja sua paixão nunca correspondeu.

Eu nasci em 1992, sem registro paterno. Minha mãe morava num dos assentamentos que rapidamente surgiam aqui e criou sozinha a herança viva de um homem de uma família tradicional da cidade que não lhe contou ser casado. Não tive irmãos e Altamira era minha única parente conhecida. Ela morreu infelizmente antes que eu terminasse minha faculdade de História. Queria que estivesse comigo no dia da minha formatura. Com certeza orgulharia muito de mim se me visse dando aula, mas ser uma historiadora sempre foi meu objetivo maior. Meu primeiro livro foi justamente sobre a história da família do pai que nunca conheci, cujo nome descobri somente meses depois de ele morrer oficialmente sem filhos até então. Dele herdei um velho casarão que dizem ter pertencido ao avô do meu avô. Dentro da relíquia escrivania, entre tantas fotografias antigas, encontrei uma em especial: nela estavam meu pai ainda criança, com seu pai e o pai dele, ao lado do meu tataravô, já muito idoso. E foi neste dia que Planaltina me abraçou pela minha vez. Já fazia tempo que nós nos namorávamos apenas com olhares e alguns raros flertes, mas foi na Praça do Museu que ela me chamou para dançar, contando-me as histórias dos meus ancestrais, mesmo as que eu não queria ouvir. Porém, a que mais me chamou

atenção foi uma sobre a cápsula do tempo soterrada sob a Pedra Fundamental que até então eu jamais havia conhecido, mesmo sempre tendo sido de Planaltina.

A cidade tem a idade de quem nela se vê. Mas eu não me vejo como uma mulher de trinta anos não. Enxergo-me ainda como a menina solitária que dança sozinha quando ninguém vê. E foi como numa dança súbita que de repente me vi aqui, com a minha Planaltina, escavando sobre a Pedra Fundamental em busca desta caixa que tanto me contaram e ainda tão pouco se sabe. Que ironia: uma historiadora danificando um patrimônio histórico. Mas eu precisava, eu precisava descobrir se de fato havia essa caixa e o que estava dentro dela. Minhas mãos pararam de tremer assim que sentiram Planaltina com seu toque. Juntas, abrimos aquela cápsula do tempo, contudo, dentro não encontramos ouro algum. O que continha afinal? Para nossa surpresa em seu interior encontrei uma luneta, um chapéu e um relógio sem ponteiros, antigos perdidos pertences dos meus avós, além de uma foto minha que eu jamais imaginaria ter existido: eu, bebê, nos braços do meu pai. Tanto sorríamos quanto chorávamos, por entre estilhaços do concreto quebrado e no meio de toda a terra que escavei. E foi quando subitamente consegui notar ao meu lado a presença de uma daquelas pessoas que minutos atrás estavam se aproximando.

— Está tudo bem contigo? — perguntou-me aquele rapaz, acompanhado por um grupo de jovens quase da mesma idade.

— Agora sim! — respondi com um leve riso, enquanto enxugava as lágrimas.

— O que faz aqui sozinha? — continuou em tom preocupado, apreensão compartilhada pelos demais.

— Meu querido, nunca estive só! Planaltina sempre esteve comigo, mesmo quando eu não sabia — disse simplesmente, descendo em direção ao cavalo que me

levou até lá. Possivelmente julgaram-me louca, sem entenderem que nem toda razão é a mesma de todo mundo.

— A senhora está esquecendo isto aqui — apontava para uma caixa de madeira sobre a Pedra Fundamental que, não para meu espanto, permanecia intacta quase da mesma forma que estava há cem anos, exceto pelas correntes que há tempos haviam sido levadas.

— Pode deixá-la aí, pois é apenas a nossa cápsula do tempo.

— E o que tem dentro? — indagou já assustado.

— Não sei!... Isso dependerá de você! — disse somente, conduzindo Planaltina pela mão e observando o sol que vagorosamente começava a se pôr.

**conto originalmente escrito para a 1ª Concurso de Contos “Cidades Invisíveis”, publicado na coletânea “Casa de Todos, Quintal de Ninguém”; organização de Samantha Buglione e Samuel Figueira dos Santos; Itajaí (SC): editora Ipê Amarelo, 2021.*

GUSTAVO BAYS

Cadeira nº 50

Patrono: Pe. Antônio Marcigália



Fotógrafo desde 2011, **Gustavo Bays** realizou sua primeira exposição fotográfica em 2012, no **Sarau Contra In Versos**, que aconteceu na Associação Comercial e Industrial de Planaltina (ASCIP). Em 2014, participou de outra exposição, realizada no Coreto da Praça Rui Barbosa, em Formosa-GO. Em 2018, participou de uma exposição coletiva na *Galeria Casa da Luz Vermelha*, no clube ASBAC, Lago Sul, Brasília-DF, realizada pelo **Coletivo Ladrões de Alma**.

Em 2019, sua agenda foi um pouco mais concorrida: expôs suas fotografias em vários eventos artísticos-culturais, inclusive no exterior, dentre os quais: *Mostra Coletiva Internacional, na A Smith Gallery*, no Texas-EUA; *PhotoNOLA - Festival Internacional de Fotografia de New Orleans*; *Mostra online e Exposição (física) Rizoma - Entre Coisas-Contornos do Imaginário*, realizada pelo **Coletivo Lumics**, no *Ateliê Plano Imaginário*, no Lago Norte, Brasília-DF. E em fevereiro de 2020, Gustavo fez sua primeira Exposição solo, com o título **Há Penas Possíveis**, no Complexo Cultural de Planaltina.

Além de fotógrafo e Secretário Escolar da SEE/DF, Gustav Bays é, também, *Video Maker*; e, entre 2018 e 2019, ministrou oficinas de produção audiovisual na Faculdade de Educação da UnB e em algumas escolas públicas de Planaltina-DF e Planaltina de Goiás. Nesse período, trabalhou na produção e direção de dois *Festivais de Filmes de Curta Metragem das Escolas Públicas de Planaltina*.

Devido ao seu desempenho como Ativismo Cultural, em 2019 Gustavo Bays foi empossado como **Membro Efetivo** da APLAC, onde ocupa a Cadeira nº 50, patronada pelo Pe. Antônio Marcigália.

Corpo de Água

(Série fotográfica)

Sentir na pele

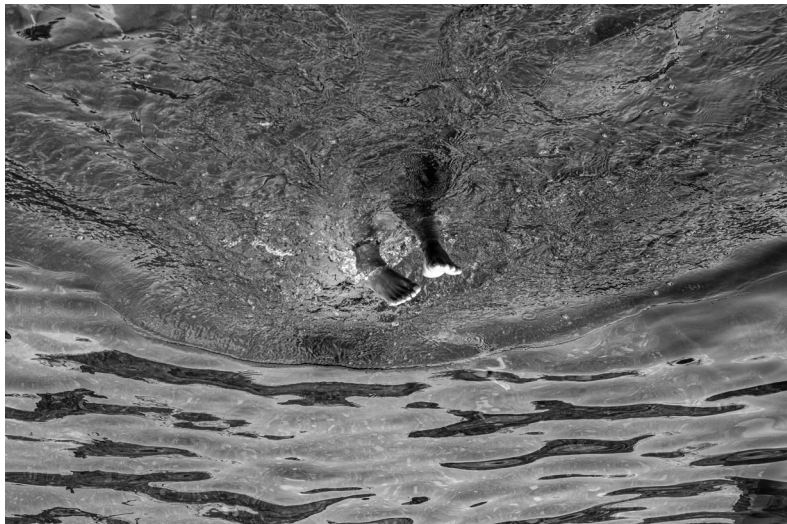
A água e o chão

Textura e temperatura

Os elementos como são

Esta série fotográfica tem a intenção de externar, em imagens, o que está na memória e dá prazer, o contato com a água e o chão, o contato com o natural. Há uma ligação entre o que está fora e o que está dentro, o natural e o humano, e que em algum momento se fundem, somos “corpo de água”.







JOÉSIO MENEZES

Cadeira nº 27

Patrono: José Geraldo Pires de Mello



Especialista em Língua Portuguesa e professor aposentado da Secretaria de Estado de Educação do DF (SEE/DF), **Joésio de Oliveira Menezes** nasceu em Tobias Barreto, município de Sergipe.

Mudou-se para Planaltina-DF em dezembro de 1970, e desde essa época considera-se filho adotivo da cidade que o acolheu quando da sua chegada a Brasília.

Integrante da Associação Nacional de Escritores (ANE), membro fundador da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC), Sócio Correspondente da Academia Tobiense de Letras e Artes (ATLAS) e Membro Titular da Academia Inclusiva de Autores Brasileiros (AIAB) e da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB), Joésio Menezes é autor de vários livros e de textos publicados em diversas coletâneas nacionais, dentre as quais: *Momento literário de Planaltina*; *Sonhos e saudades na abertura do III milênio*; *Palavras, sentimento e paz*; *2º Momento literário de Planaltina: uma viagem onírica* e *A musa debutante: 15 anos navegando em Águas Emendadas*, obras organizadas e publicadas pela APLAC.

Joésio Menezes também é verbete no **Dicionário de Escritores de Brasília**, de *Napoleão Valadares*, e na 2ª edição da **Enciclopédia de Literatura Brasileira**, da *Global Editora*, em parceria com a **Fundação Biblioteca Nacional** e a **Academia Brasileira de Letras**, cuja direção ficou a cargo de *Afrânio Coutinho* e *J. Galante*.

As meninas da Marechal

Lá pelos idos dos anos 70 e 80, um dos “pontos turísticos” mais visitados de Planaltina foi o trecho da Avenida Marechal Deodoro que fica entre as esquinas das ruas *Eugênio Jardim* e *Quintino Bocaiúva*. Durante todo o final de semana, que tinha início às sextas-feiras, lá era o ponto de encontro da maioria dos homens, inclusive vindos de cidades vizinhas. Em número de “visitantes”, talvez perdesse apenas para a encenação da *Via Sacra*, que acontece uma vez por ano, na Sexta-Feira da Paixão.

Os mais conservadores – que aqui ousou chamar de “falsos moralistas”, pois, na calada da noite, por lá apareciam – diziam ser aquele o “pedaço podre” da cidade pelo qual “pessoas de família” jamais deveriam passar. E os mais radicais defendiam a expulsão das Meninas que lá trabalhavam em prol da “diversão” dos homens que duramente laboravam durante toda a semana.

Era para lá, aliás, que alguns pais levavam seus filhos homens, com idade entre 14 e 17 anos, para fazerem a sua “iniciação”. E muitos desses pais (inclusive, alguns dos tais conservadores!) aproveitavam para dar uma “inocente” puladinha de cerca enquanto seus filhos se divertiam no quarto vizinho!...

Comentava-se, ainda, que algumas dessas Meninas eram “agenciadas” pelos próprios proprietários de parte dos imóveis localizados naquele “pedaço podre”, e que muitas delas também tinham residência fixa no local de trabalho.

Eram raros os casos de dupla identidade entre as “Meninas da Marechal”; mas, volta e meia, acontecia de alguns rostos femininos, que desfilavam de braços dados com as “autoridades” da época nos bailes da cidade como

se fossem as primeiras damas, serem vistos trabalhando com as outras Meninas, só que na “ala VIP”. Esses rostos sequer eram vistos andando de charrete (à época, vulgarmente chamada de “táxi beicudo”), mas sim no banco de trás de alguns “carrões”.

Injustamente essas Meninas eram (e ainda são) chamadas de “mulheres de vida fácil”, perdidas, devassas, pervertidas... Entretanto, nenhuma delas era vista invadindo as “casas de família” em busca dos homens que lá residiam.

Não posso aqui afirmar que elas eram comportadas, mas em momento algum eram vistas oferecendo seus “serviços” de porta em porta. Pelo contrário, os tais homens de “família” é que as procuravam, que as visitavam, que as seduziam com as suas carteiras cheias de dinheiro...

Mas, tanto fizeram que aos poucos elas foram sendo expulsas do seu cantinho. Hoje, as poucas que conseguiram adquirir um imóvel em ruínas para chamarem de seu ainda permanecem por lá, porém não por muito tempo, pois a especulação imobiliária e o poder dos Tradicionais também as tirarão do seu canto.

Até pouco tempo atrás, era possível encontrarmos algumas daquelas Meninas (ou o que “sobrou” delas) oferecendo seus serviços nalguns pontos da BR-020. Também era possível reconhecermos alguns carros – cujos proprietários e/ou condutores não eram tão desconhecidos assim – parando para fazerem um rápido programinha.

E foi assim, sujeitando-se a todos os tipos de homens, sendo hostilizadas por grande parte dos falsos moralistas, levando uma vida nada fácil, que muitas daquelas Meninas criaram e educaram seus filhos; e, na medida do possível, os ensinaram a sobreviverem à hipocrisia dos muitos que vivem na “nata” da sociedade e se autodenominam pessoas de “boa família”.

Gardênia

Bem ali, naquela rua sem asfalto da quadra 1 da Vila Buriti, ficava a casa da garota “mais gata” da região. Ela tinha cheiro e nome de flor: Gardênia.

Tínhamos quase a mesma idade (ela nasceu no primeiro dia do ano em que nasci; e eu, em meados de maio); porém, fisicamente falando, ela era bem mais madura que eu: enquanto eu ostentava um ralo buço acima do lábio superior e um par de óculos “fundo de garrafa”, ela, no auge da sua pré-adolescência, esbanjava um corpanzil de “parar o trânsito” e um exultante par de olhos verdes; por isso, chamava a atenção de todos por onde passava.

Estudávamos na mesma escola, e eram inevitáveis os encontros casuais. Meu coração acelerava suas batidas e faltava sair-me pela boca tamanha era a emoção que eu sentia toda vez que a via se aproximar de mim e – vez ou outra – esboçar-me um sorriso, ainda que de canto de boca.

Diariamente, ao final da aula, eu era um dos últimos a sair da escola, pois ficava curtindo a sua companhia – sem que ela percebesse! – até que sua mãe fosse buscá-la. Era a maneira que eu encontrava para ficar mais tempo próximo dela. Às sextas-feiras, eu desejava-lhe – em pensamentos – um excelente final de semana. Já em casa, eu contava os minutos enquanto aguardava a chegada da segunda-feira para que eu pudesse vê-la novamente; linda, perfumada e encantadora como em todos os dias!

E assim eram os meus dias e a minha relação com Gardênia: eu admirando-a à distância e alimentando minha paixão infanto-juvenil platônica; ela, permitindo-

me sonhar com algo mais que um simples olhar de soslaio ou um discreto sorriso de canto de boca.

Certo dia, durante o intervalo das aulas, sentado num dos bancos de cimento que havia no pátio da escola, eu a observava conversando com suas colegas. Ela percebeu-me e veio em minha direção. Senti um calor intenso nas faces. Desviei meu olhar para o outro lado, onde alguns alunos jogavam queimada. Quando, disfarçadamente, ia me levantando para sair do alcance do seu olhar esmeraldino, ela me chamou pelo nome... Sim; ela sabia o meu nome!...

Ao ouvir sua voz chamando-me, meu corpo estremeceu... Tomado pela timidez e pela tremura nas pernas, sentei-me novamente no banco de cimento. Gardênia sentou-se ao meu lado e, educadamente, começou a conversar comigo. Sua voz suave me deixou inda mais encantado com ela.

Daquele dia em diante, toda vez que me via, Gardênia vinha conversar comigo; e na maioria das vezes, eram só monólogos: ela falava; e eu, extasiado, ouvia... Esses nossos encontros seguidos de deliciosos monólogos se repetiram até o último dia de aula do primeiro semestre daquele ano, quando entramos em recesso escolar.

Lembro-me que naquele dia, como das outras vezes, fiquei fazendo-lhe companhia até a chegada da sua mãe. Estranhamente, eu falava mais que Gardênia. Percebi que ela estava dispersa, que pouquíssimas vezes falou comigo. Perguntei o que estava acontecendo. Ela respondeu-me que estava ansiosa por causa da viagem que faria com sua família ao litoral. Era a primeira vez que ela iria à praia, e que por isso estava ansiosa.

Para minha tristeza, sua mãe chegou... Gardênia levantou-se e, antes de se dirigir ao carro da mãe, pediu que eu também me levantasse. Levantei-me. Ela me deu um forte e afetuoso abraço, como se aquela fosse a última

vez que iríamos nos ver. Despedimo-nos e ela foi ao encontro da mãe...

Aqueles dias de recesso escolar foram os dias mais longos e angustiantes da minha vida. Diariamente, eu conferia o calendário de parede a fim de saber quantos dias faltavam para o retorno das aulas e, conseqüentemente, o meu reencontro com Gardênia. Enfim, o grande dia chegou!...

Levantei-me cedo, tomei banho, vesti o uniforme e, sem ao menos tomar café da manhã, segui para a escola. Chegando lá, encontrei os professores e os alunos do lado de fora. Uns, chorando; outros, comentando o acontecido. Quis inteirar-me do assunto, e uma colega de classe de Gardênia, com os olhos inchados de tanto chorar, contou-me que ela e sua família haviam sofrido um acidente de carro quando retornavam da viagem, e que ela não resistiu aos ferimentos. Naquele instante, meu mundo desmoronou e, imediatamente, uma nuvem de tristeza embaçou meus olhos, que se inundaram em lágrimas...

Chorei o dia todo!

No dia seguinte, acordei ainda chorando e com o corpo ardendo em febre; e assim fiquei por pelo menos uma semana, quando retornei à escola; dessa vez, sem ânimo para mais nada. Para mim, a escola ficou sem graça, as aulas tornaram-se mais chatas e os dias mais longos... O ano letivo, enfim, terminou; e eu quase fui reprovado devido à perda do interesse pelos estudos na reta final do ano, perda essa causada pela ausência de Gardênia.

Hoje, passados muitos anos, em minha mente ainda habitam as doces lembranças daquele último e caloroso abraço e dos alegres olhos verdes de Gardênia, a garota mais gata daquela rua sem asfalto da quadra 1 da Vila Buriti.

O corpo

Sábado, dez horas da manhã... O corpo de um jovem jazia estendido no asfalto quente da BR-020, nas proximidades de Planaltina. Fora atropelado por um carro em alta velocidade cujo condutor fugiu sem prestar socorro.

Os bombeiros, que haviam chegado ao local cerca de vinte minutos após o chamado, isolaram a área e cobriram com um pequeno lençol branco o corpo ensanguentado do rapaz.

A poucos metros dali, o pé direito de um tênis de marca que, com o impacto do atropelamento, saiu do pé da vítima.

Curiosos aglomeravam-se. Alguns querendo ver o corpo; outros tentando reconhecê-lo.

As Polícias Rodoviária e Militar também chegaram ao local, e a primeira providência a ser tomada é desviar o trânsito a fim de evitar outros acidentes.

Chegam os peritos... Medem daqui, calculam dali, analisam de lá e anotam tudo numa pequena prancheta. A essa altura, os bombeiros já haviam identificado o corpo: era Renato da Silva Filho, dezoito anos, estudante matriculado no curso de Antropologia de uma universidade pública, filho de Renato da Silva e de Maria Isolda da Silva, domiciliado no condomínio *Residencial Altamir*, num bairro nobre da cidade mais antiga do DF.

Poucas horas mais tarde, o corpo é levado para o Instituto Médico Legal.

Chega, então, o momento de dar a notícia aos familiares. Mas quem seria o “mensageiro da morte”?...

A viatura do Corpo de Bombeiros para em frente a uma casa de dois pavimentos. O condutor do carro desce e toca a campainha da casa dos “Silva”. Um homem com

um pequeno curativo na testa e ataduras no punho direito abre o portão.

– Pois não!...

– O senhor Renato da Silva, por favor!

– Sou eu mesmo!... Em que posso ser útil?

– Boa tarde, senhor! Sou o sargento Ignácio, do Corpo de Bombeiros.

– Pois não, sargento! O que o traz até aqui?

– Hoje, por volta das oito horas da manhã, houve um atropelamento na estrada que dá para o centro da cidade.

– Mas... qual o elo de ligação desse atropelamento comigo?

– A vítima, senhor!

– Por quê?... Quem é a vítima?

– Seu filho... Renato da Silva Filho.

– Meu filho?... Não, não pode ser!...

– Desculpe-me a frieza, senhor, mas é ele mesmo.

Eis os seus documentos.

O senhor Renato estende a mão trêmula e recebe os documentos. Confere-os. De fato, eram do seu filho. Incrédulo, olha para o sargento e pergunta:

– Conseguiram ver o carro?... Anotaram a placa?... Prenderam o responsável?...

– Não!... Mas, segundo testemunhas, era um carro importado, azul-safira, conversível. Não há muitos desses carros aqui na cidade. Mais cedo ou mais tarde o encontraremos.

– É o que espero! – responde secamente.

– O senhor poderia acompanhar-me ao IML para o reconhecimento do corpo? – pergunta o sargento.

– Claro! – responde Renato com a voz embargada – Espere-me só um pouco, vou trocar de roupa.

– Pois não, senhor, esteja à vontade... Ficarei aguardando-lhe na viatura.

Renato, cabisbaixo e com os olhos encharcados, entra em casa. Lentamente sobe os degraus da escada que leva ao andar de cima. Dirige-se ao seu quarto. Senta-se na cama. Desolado, fixa o olhar no nada por alguns segundos. Levanta-se bruscamente e dirige-se até a janela dos seus aposentos. Olha para o BMW conversível, azul-safira, estacionado na garagem dos fundos. O para-lama dianteiro direito amassado; o para-brisa quebrado... Volta à cama. Senta-se. Abre a gaveta do criado. Pega um reluzente *Taurus*, calibre 38, cano longo. Confere se está carregado. Está!... Encosta-o no seu ouvido direito. Puxa o gatilho...

Um estampido seco ecoa pelos cômodos da luxuosa casa. As poucas pessoas que lá estavam correm para ver o que aconteceu... Minutos depois, entra no quarto o sargento Ignácio, que encontra todos estarrecidos com a cena: um corpo ensanguentado; olhos arregalados; o tronco sobre a cama, caído para o lado esquerdo; as pernas dependuradas; uma foto do filho na mão esquerda; o *Taurus* na outra.

O sargento Ignácio, enquanto liga do celular para a polícia, dirige-se à janela do quarto. Olha para a garagem dos fundos e vê o conversível azul-safira. Vira-se para onde está o corpo e, negativamente, sacode a cabeça.

Texto classificado em **3º lugar** no Concurso Literário Internacional “Prêmio Cidade de Conselheiro Lafaiete” (MG), em 2009.

LUIZ FELIPE VITELLI

Cadeira nº 53

Patrona: Dulcina de Moraes



Morador de Planaltina-DF, o paraense **Luiz Felipe Vitelli** Peixoto é professor, artista plástico, Poeta com P maiúsculo, declamador autoral, ator, ativista cultural, ambientalista, artesão, joalheiro, desenhista, músico, compositor e integrante dos grupos culturais *Tribo das Artes* e *Cia Teatral Cara d'Palco*.

Nas horas vagas (se é que as tem), o poeta Luiz Felipe Vitelli produz diariamente poesias e as posta no Facebook. Segundo o nosso ***Planaltino Confesso***, ele começou a escrever ainda criança (com 9 anos de idade) e ganhou o seu primeiro prêmio literário no 4º ano do ensino primário, e hoje tem textos publicados em várias coletâneas nacionais.

Autor do livro *Planaltino Periférico DF Confesso: Control C Control Versos*, Luiz Felipe Vitelli é membro efetivo da APLAC desde 1º de julho de 2017, onde ocupa a Cadeira nº 53, cuja patronesse é a atriz Dulcina de Moraes.

ZBM-1983

Eu só sei que sei
Sobre o seu passado
De minha vista aérea
Sobre Planaltina
Em traços tortos
A desenhar seu corpo
Erguendo os braços aos céus
Rogando uma prece
Com sorriso cínico
A espera da maçã
Caindo sobre
O vai e vem da avenida Marechal
De seu passado
Alimentando o corpo
De pecado da dama de vermelho
Para salvar os cândidos
De tudo que estava errado
Sobre o olhar de paz da pomba do Divino,
Pousada no alto da torre da Matriz.



Travessa Planaltina nºo

Às quatro e vinte da manhã
O silêncio cobre Planaltina
Há cheiro de flores no ar
A dama da noite
Perfuma a cidade
A Marechal Deodoro,
Hoje, tem pedacinhos do céu
E do inferno também
Eu admiro
Essa convivência pacífica
A igreja de São Sebastião
Está de costa para a cidade
Não percebeu
O quanto a cidade cresceu!
A praça do museu
Com seus casarios banguelas
E outros
Com várias cirurgias plásticas
Dançam no forró
Todos os sábados
Na casa do idoso
Eu independentemente
Atravesso
A avenida independência
Número 100 medo
Ainda não baixei o aplicativo
De um ser Ubernizado.
Sou planaltino, confesso!...

Tenso



TÍTULO: Eles e nós parados na faixa de pedestre e o poder

TECNICA: Acrilica sobre tela

DIMENSÕES: 60cmX80cm

O clima anda estranho
Em Brasília.
Ontem choveu
Sobre o Congresso
Enquanto que na Esplanada
O sol ardia.
Os turistas na catedral
Nem perceberam
Admiravam o museu da república
E com o celular
Tiravam fotografias.

Bússola do avesso

Quando eu chegar depois que ainda não parti.
Há de me assegurar lugar em um futuro no passado
Bem no meio de abril.
Eu em meu deserto cortado por um rio sufocado
Com um outro alguém que não conheci.
Sem nunca ter estado ali.
Há de convir que já te amei bastante
Antes de te conhecer.
Te vendo pela óptica de quem ninguém te viu.
Voo andando de vagar
A passos largos para me encontrar.
Chegando a qualquer lugar que não conheci.
Debandei em bando como solitário
Aventureiro do que sei
Sou sem ter, estar e meu haver profano.
Como quem estive em nós o tempo todo.
Estando quando ainda não cheguei.
Mesmo quando ainda não te vi e nem previ
Te vi tão linda
Como nunca quis.
Mais que tudo foi ainda
Sem eu ter partido a um paraíso
Para evitar todos os infernos onde te conheci.
Faria tudo o que já te fiz
Sendo feliz
Sem ainda nunca ter sido feliz
Ano que vem.



Ópera Brasília

Aqui,
Onde poucos leem,
Livro vira lixo,
Papel higiênico
Em banheiro de botequim,
Compostagem,
Adubo de jardim...

Tudo nada

Tudo que sei
É sobre o nada
Que se transforma
Em tudo do que não sei.
Estrelas pequenas
Querendo brilhar
Mais do que podem.
Boca miúda
Engolindo sapos enormes
Com arame farpado
Mastigando silêncios
Vomitando cobras e lagartos.
Gente soberba
Com mania de grandeza
Com a alma vazia
Que enchem o saco.



Toda razão



A madrugada é destino de notívago
A quem tem coração, mente, razão
Análise sintética.
Os toscos contrários detestam
A alma nirvana de poeta.
Verão que as sementes do outono
Serão flores na primavera.
Em Brasília
Outono é inverno desfolhado
No que era cerrado
Hoje é seca floresta de concreto.
Paisagem de deserto.

Marcos Freire Júnior

Cadeira nº 8

Patrono: Juscelino Kubitschek



Médico, Educador Popular em Saúde, autor de livros e artigos sobre automassagem, autoconhecimento e medicina chinesa, **Marcos Freire Jr** atua no Sistema único de Saúde (SUS) em Planaltina-DF, no Centro de Referências em Práticas Integrativas em Saúde (CERPIS), desde 1989, com atendimentos individuais em grupos de Educação Popular, com ênfase na Promoção da Saúde.

Marcos Freire também é Membro Efetivo da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências – APLAC desde *06 de dezembro de 2019*, quando assumiu a titularidade da Cadeira nº 8, patronada por Juscelino Kubitschek.

18 de outubro de 2023

A medicina natural como forma de cuidado da saúde:
A cada respiração,
A cada alimentação,
A cada encarnação.

Uma nova vida surge a cada pulsação:
A respiração urge,
A alimentação sustenta,
A encarnação perpetua.

Eu agradeço à vida pela possibilidade
De experimentar a unidade da natureza
No exercício da medicina coletiva.

(Hai)Cais de Mim

O brilho de prata do luar
Faz mais belo o balanço do mar

À minha mãe, em 1983

Mãe amor
Amarela cor
De onde vim
Para onde vou

Às mulheres

Mulher demais
Nunca é demais
Mulher de menos
Menos eu

À minha mãe Carolina

(no Dia das Mães, em 2022)

Mãe da pélvis onde nasci
Mãe do peito onde mamei
Mãe da mente que me criei
Do chão que me apoiei
Da coluna que me ergui
Do céu que me iluminou
Agora eu sou
Eu sou seu filho
E estou aqui para lhe servir
A vida passa assim de repente
Deixa o rastro da gente
Passado, futuro e presente
De tudo que tem no mundo
A vida é uma somente
A vida é uma semente
Mãe, como estou tão contente!

Ao meu pai Marcos Freire

(que sempre está comigo)

Hoje eu choro e sinto falta
De quem sempre está comigo!

Me protege, abre caminho,
Até hoje me inspira.
Mesmo após o tempo
Do seu corpo em vida,
Que em mim continua
Tão misteriosa sina.

Eu chamo todos os dias
Por sua centelha divina,
Que anima minha vida
Ir em frente confiante
No destino que se cumpre
A cada dia, a cada instante.

Hoje eu adoro e sinto a luz
De quem sempre está comigo!

Para Nico, pelos dias que virão e para aqueles que verão o que não vamos ver, à Vitória

Aquele homem estava ali,
Mas ninguém o via;
E as coisas que ele dizia
Todo mundo já sabia,
Mas ninguém ouvia.
Nico, Nicolau, Nicodemos,
Quanto tempo ainda teremos?
Quantas coisas ainda podemos?
Quantas vidas ainda seremos?
Quantas voltas ainda daremos?
A Terra, por certo,
Muito mais giraria
Fôssemos um
Único ser planetário.
Um único ser planetário!...
Aquele homem estava ali
Com os pés no chão,
Com a espinha ereta,
Com a mente quieta,
Com o coração tranquilo,
Mas ninguém o via.

Ao Mestre Liu Pai Lin

(abril de 1993)

O mestre me despertou um profundo

Interesse

Amor

E retoma minha ligação

Com o taoísmo

Pela porta do dragão.

E o dragão não habita

Um lago frio

Atrás das montanhas

Onde não bate o sol.



Ele habita o coração

Onde chega através do vapor

Das águas que ele mesmo esquentar

Entre as quais faz a sua morada.

E um mestre vindo de tão longe

Com tão antigos conhecimentos

Me toca fundo na alma

Me enche o peito de amor

Com humildade

E energia interior.

Ao Mestre Woo

Noventa anos, como o Cristo Redentor
O Brasil se orgulha de ti
Do topo da montanha viste o vale fértil
E semeaste a generosidade.

Cabra de madeira, vieste ao mundo
E te dedicaste ao aprendizado
Teus sonhos e imaginação transformam
Pessoas em amizades e praças em universos.

Teus braços abertos alcançam o Céu
Tuas pernas ao chão elevam a Terra
Irradiam o amor e a humildade
Mudam o mundo e criam a vida no Tao.

Olim in orbis planetarium

(Uma vez no mundo planetário)

Aos noventa e um,
O Mestre Woo
Se transforma
E vum!...
Transforma também o mundo
Em tempo de primavera.
Ultrapassa todas as estações
E deixa a sua marca
No tempo e no espaço,
no *tempus* e no *templum*,
Na praça e na passagem.
O Mestre vum!...
Em nosso *imaginarium*,
Em nosso corpo sano
E no mundo *planetarium*.

Ao Mestre Aristein, com carinho

De onde vens,
Com as mãos nas nuvens?
Para onde vais,
Com os pés no chão?
Ao encontro de todos,
Com o coração!

Aristein,
Mais uma vez
Vai além!
Desejamos
Tudo de bem.
E que a vida
Seja leve
E nos leve
Também.

Flecha, arco e arqueiro
Você é o alvo certo
Meu caro amigo
Mestre e mensageiro
Norte, Sul, Leste e Oeste
O Universo por inteiro
É do Tao companheiro

Feliz aniversário

Anima verso!
Ani versa.
Uma nova versão
A cada ano
A cada lua
A cada semana
A cada dia
A cada respiração
A cada piscar de olhos.
Tão rápido quanto
Um átimo de tempo,
Passa tanta vida.
Hoje, a aniversariante passa,
E passamos todos juntos
Pelo mesmo ponto solar
De quando ela nasceu!
Novamente.

Dia de seu aniversário

É sempre mais um dia a comemorar.
Esse, porém, marca no espaço
A passagem da Terra em torno do Sol,
Pelo mesmo ponto em que você nasceu.

Com algumas diferenças,
Mais internas, dentro da gente da Terra,
Mas sem tantas diferenças externas,
Na rota da Terra pelo Universo.

De qualquer forma, estamos indo...
E sua companhia é para nós
Muito significativa.

Um grande abraço terno,
Um laço intenso eterno,
Como uma volta ao redor do Sol.

Entre Olinda e Planaltina

Entre Olinda e Planaltina
Conheci uma Mina
Que me levou de volta para lá

Centros históricos para contar
Histórias do sertão e do mar
Cerrado, caatinga, zona da mata
Muita estrada para andar

Kubitschek e Marcos Freire
Me trouxeram para cá

A Pedra Fundamental
Fincada no Centenário
Jaz quieta altaneira

Tal qual a cruz cimeira
No alto da Sé avistando
A nação alvissareira

O Morro da Capelinha para rezar
A Sé em frente ao mar
Nova Jerusalém aqui e lá

Do Vale do Mestre D'Armas
Escorrem as Águas
Emendadas para o mar
E trazem de volta
O povo Brasileiro
Com histórias pra contar...



Tereza é o nome da Mina

Linda como Olinda
Como farol no topo da colina
Que ilumina o mar
Azul dos olhos teus

O encanto da sereia
Como as ondas do mar
Nas curvas da areia
Revela o mister
Da alma feminina
E do corpo de mulher

MUNA AHMAD YOUSEF

Cadeira nº 56

Patrono: Cassiano Nunes



Filha de pai palestino e mãe cearense, **Muna Ahmad Yousef** é goianárabe, nascida em Porangatu.

Licenciada em Artes Cênicas pela Fundação Brasileira de Teatro, é professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE/DF) e Educadora Ambiental por escolha.

Autora do livro *Muxarabi*, em 2019 Muna foi diplomada e empossada como *Membra Efetiva* da Academia Planaltinense de Letras Artes e Ciências – APLAC, na qual, atualmente, ocupa o cargo de Diretora de Cultura.

Crônico

o tempo passa no corpo
desde o instante primal
passa na mente
na espiral do momento
passa no vento nuvem passa dentro
passa emoção passa pensamento
passa boi passa boiada
passa moça passa rapaz
passa o tempo
passa a graça dor passa
passo bem passo mal
passo medo passo placebo
passo sebo na canela
passo uma chuva
passo a primavera
passo o inverno na serra
passo verão com você
para todo o sempre
do correr do tempo
tudo passa
fica o silêncio

Arthur

céu estrelado
atravesso o deserto
dura uma eternidade
sonho que sou náufraga
salva por um barco bêbado
tempestade passa
volto à casa
pego o gato no colo
maciez e silêncio
rompo a casca
para chegar ao teu coração

Caminhamento

andei léguas por caminho de flor e pedra
cruzei rio de leite seco
subi perto da nuvem
desci a serra
cheguei ao olho d 'água
lavei a alma molhei o sonho
malhei a mágoa
contei estrelas
comi pão e peixe
bebi vinho
cantei até a aurora
ri e chorei
dormi em cama de couro
de mim rasguei páginas e páginas
na ponta do pé
caminho de volta para casa

Do nada

abro de madrugada a janela
vejo a goiabeira enluarada no quintal
penso na existência
penso no riozinho poluído
que passa no fim do mundo
sinto o frescor do claro escuro
derradeira estrela brilha
o sono é pequeno
grande é a força dessa hora

Fotografia

na cidade da minha infância
tem um pé de jenipapo na praça
casa de adobe parede caiada
quintal com mangueira
São Sebastião flechado na igreja
festa do divino
cavalo e cavaleiro
rua cheia de bandeira vermelha
quem nasce lá ou vem de fora
de um jeito ou de outro se ampara
no Vale do Amanhecer
ou em outra história
tem feira permanente
gira no terreiro
catira e *hip hop* na praça
nem tudo são flores
tem o assombro do primeiro velório
gente de língua de esteira
o primeiro amor que passou
os ais e uis restaram
na cidade da minha lembrança
uma criança de pé vermelho
boca amarelo manga
mastiga infância
a memória é uma franja estreita
que balança ao sabor dos dias
folha de buriti na vereda da vida

Oscar

vento sussurra na orelha
do apóstolo de pedra:
catedral está de pernas
abertas para o céu
povo lambe político
com voto
grileiros fazem a farra
fatiam o sonho de dom Bosco
sem pensar em água em gente
em nada
a cidade ao léu
Rômulo e Remo mamam na loba
a chuva molha o verão
escuto os passarinhos
burburinho na relva
fungo na árvore urbana
dessa cidade cingida de céu
anjos observam do horizonte

Ela

sorte é cega
paixão também
morte é certa
se o amor não vem
vida é ermo
se estou com ela
tudo fica bem
muda o brilho
vejo a lua cheia
molhada no rio
danço e assobio
me maravilho
sorte deita comigo
ela é meu anjo
é meu tango
meu vinho
meu livro de cabeceira
minha eira
beira de meu vulcão

Feitiçaria

para você gostar de mim
escrevo três vezes seu nome na areia
pulo três ondas do mar
peço à padroeira
canto na cachoeira
danço na lua cheia
para você gostar de mim
estampo seu rosto no vestido
afino os ouvidos
espreguiço feito gato
rimo sílaba e sangue
burilo o infinito
digo três bendito
gostar é bonito
mas feitiço mesmo é amar

RAFAEL MENEZES

Cadeira nº 52
Patrono: Raul Seixas



Filho de Planaltina-DF, **Rafael Menezes** é graduado em Gestão Ambiental, pela UnB e Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade, pela Uninter, onde, também, licenciou-se em Artes Visuais.

Artista plástico nato, desenvolveu suas habilidades artísticas ainda criança, fazendo esculturas e desenhos. Produziu seu primeiro desenho animado aos 14 anos de idade, em parceria com o amigo *Diego Pimentel* (Auxiliar de Produção), ocasião em que criou o desenho na modalidade *Stop Motion* cujo título foi ***Aliados da Arte Proibida***.

Em 2014, passou a fazer parte do **Laboratório de Sociologia da Universidade de Brasília** (LaPCIS/UnB), onde desempenhou atividades artísticas com o *Teatro de Bonecos*, ocasião em que atuou como tutor-oficineiro na produção de bonecos que, mais tarde, comporiam o quadro de personagens do teatro, em que os temas abordados estavam relacionados à *Educação Ambiental na Preservação e Sustentabilidade do Cerrado*.

Em 2017, Rafael Menezes passou a fazer parte da Incubadora de Tecnologia Social, no Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB), onde prestava apoio a empreendimentos de economia solidária, auxiliando em mecanismos de organização mercadológicas e ministrando cursos de produção de Bio-joias com materiais diversos. Em 2018, cadastrou-se no **Programa do Artesanato Brasileiro**. Nesse mesmo ano passou a se apresentar nos Saraus Literários da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências. No ano seguinte, foi diplomado e empossado como **Membro Efetivo** da APLAC.

A mulher

Desde o início dos tempos
a mulher dominou a terra
com o seu jeito manhoso
e sua forma singela:
Adão, por conta do encanto de Eva,
perdeu o legado do Paraíso;
Helena fez Menelau de corno
e deu a Troia um prejuízo;
Cleópatra lascou um bocado
com a beleza que tinha:
Fez rei virar escravo
e perder a riqueza todinha;
Até Sansão,
que tinha a força de um gorila,
ficou fraco e traiu Deus
pelo encanto de Dalila;
o cara matou no murro
urso e até Leão,
cuidava da força do cabelo
e se esqueceu do coração,
caiu no canto da sereia
que não brinca de ser esperta,
tirou dele o maior segredo
e ainda o deixou careca;
até mesmo Lampião,
destemido matador
que escapava da polícia,
de Maria não escapou:
foi mais um que caiu
no feitiço feminino;
falava grosso com todo mundo,
mas com ela falava fino.

Dom Quixote ficou doido,
embananado das ideias,
saiu sem rumo pelo mundo
procurando sua Dulcinéa...
Já vi cabra muito valente
deixar de lado a brabeza
para se tornar crente
e andar com a bíblia na mão
dizendo “paz do Senhor”,
tudo por conta duma “irmã”
por quem ele se apaixonou.
Já vi até cabra endinheirado
ficar sem nem um real
e chorar sentado na calçada,
sofrendo desse mal...
Como pode um ser tão “frágil”
dominar uma nação?
Talvez por ser a última
no processo da criação,
o Criador já estivesse prático
e a esculpiu com perfeição:
na cabeça botou juízo,
o corpo encheu de beleza
e para desfilar pelo mundo,
não poupou delicadeza;
e pra dominar o homem
e botar nele uma “cangaia”,
fez o controle remoto
e o escondeu embaixo da saia.
Só quem gosta, sabe
e pode afirmar também:
se juntarem “Os Vingadores”
e a Liga da Justiça todinha,
não beiram nem a pontinha
do poder que uma mulher tem!

A sua bênção, mãe!

Com um sorriso fabricado,
forjado no fogo,
minha mãe me mostrou
que a vida não é um jogo.
Uma jornada suada
na vida amargurada,
minha mãe, guerreira,
lutou sozinha nessa batalha.
Ela não tinha escolha:
lutou por ela e por mais três
e mostrou na prática
que um fraco não teria vez.

Quando retorno
e me recordo do passado,
me vêm várias lembranças dolorosas,
onde o clima era pesado.
A malandragem era mil graus
e incentivava a adolescência
a ser um ser mau;
Andar com arma na cintura
ajudava a ter moral.
Eu via e ouvia aquilo
com sentimento de renovação,
mas via que o assunto
atraía muito o meu irmão.

Meu irmão e eu
éramos como óleo e água:
mesmo dentro do nosso barraco
a gente não se misturava.

Graças a Deus não precisei
ter no currículo a ficha de ladrão
pra impôr respeito
ou atrair admiração.
Eu não gostava dessa cena
Com roteiro de vilão,
“pagando de comédia”
com uma arma na mão.

Eu não queria que o meu irmão
entrasse nessa:
conheceu cola, cheirou pó,
parou na pedra...
Quando não tinha pro sustento,
aí ele roubava
e em seus momentos lúcidos
comigo comentava:
“essa vida, irmão, é uma escolha do cão,
é só emboscada”;
também dizia que “essa vida
era uma arapuca armada”...

Nas noites frias,
em volta da fogueira,
vários moleques reunidos,
falando besteiras.
Ali, alguns bandidos;
e entre eles, meu irmão,
no caminho sem volta,
andando na contramão.
“Crocodilagem”, traição,
drogas, revolta,
falsas amizades
e umas “minas” em sua volta.

Eu percebi que aquela fase
não passava de ilusão.
Se o assunto fosse arma, briga
ou treta, ganhava-se atenção.
Mas havia uma questão
que desde cedo me incomodava:
eu perguntava aos mais velhos
porque bandido não se aposentava;
e os conselhos dos mais velhos
eu sempre levei a sério,
pois toda resposta terminava
em cadeia ou cemitério...

Num dia de finados,
visitei o túmulo do meu irmão
e notei tantas donas Marias
com flores e velas na mão,
regando o mato no solo
com as lágrimas do seu rosto,
chorando por aquele filho
que em vida só deu desgosto.
Só elas sabem a dor
e a falta que seu filho faz
e o triste resultado
que essa vida ilusória traz.

Naquele dia eu percebi
o peso de certas atitudes
e que são os caminhos tortos
que roubam nossa juventude...
A sua bênção, mãe!
Preciso muito da senhora,
Pois o mundo é cruel
e bem mais pesado lá fora!

Aqui não tem paz,
aqui não tem sinceridade
e nem um filho da puta
que não pense em maldade...

Eu me lembro dos seus conselhos
e do que a senhora me dizia:
“ouça sempre os mais velhos,
pois eles têm muita sabedoria,
inteligência de sobra
e experiência acumulada;
esse é o segredo pra você
ter uma vida abençoada”.

SILVANO COLLI

Cadeira nº 7

Patrono: Bernardo Élis



Silvano Colli, escritor e contador de histórias residente em Brasília, já participou, como autor, de grandes eventos literários e bienais por várias partes do Brasil: Brasília, Fortaleza, Rio de Janeiro, São Paulo e Olinda, dentre outros.

Autor dos livros de literatura fantástica *O herdeiro supremo*, *A vingança*, *Contos que encantam*, *Amizade sem preconceito*, *Cuidado com o desconhecido* e *Isabel e a turma da inclusão*, além de textos publicados nas 2ª, 3ª, 4ª e 6ª Coletâneas GAEB de Contos e Poesias, Silvano Colli participou, como Contador de Histórias, da **4ª Feira do Livro da Câmara Legislativa do Distrito Federal** (CLDF) e do **Sarau LABUTA** (2019), projeto da APLAC financiado pelo FAC. Também como contador de história, desenvolve um projeto de **Contação de Histórias** nas escolas públicas e privadas do DF.

Em dezembro de 2019, Silvano Colli foi Diplomado e empossado como **Membro Efetivo** da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC), na qual ocupa a Cadeira nº 7, patronada por *Bernardo Élis*.

A lenda das Águas Emendadas



No Distrito federal,
Há uma lenda de uma nascente encantada,
Uma bacia hidrográfica, Águas Emendadas
Onde a história de duas crianças foi criada:

Era uma vez, tempos antigos,
Dois irmãos muito atrevidos,
Nas águas de uma nascente misteriosa,
Com fama de amaldiçoada, coisa perigosa.

Todos na tribo comentavam e a fama dizia
Que a tal nascente, a uma bruxa pertencia.
Mas as crianças, inocentes e sem medo,
Não acreditavam nesse conto, de segredo.

Um dia, porém, a bruxa as surpreendeu,
Encontrou as crianças na fonte e correu
Com a intenção de capturá-las com maldade,
Mas as crianças fugiram com vontade.

A bruxa, furiosa, chegou à tribo com pressa,
Exigindo vingança, não se contentava com promessa,
Uma das crianças deveria pagar com a vida,
Por entrar em sua nascente, criança atrevida.

Mas a mãe, desesperada, tratou de esconder,
Não queria deixar nenhum dos filhos morrer,
A bruxa, irada, lançou sua maldição,
"Nem uma gota de água brotará na região!"

A sede tomou conta, o desespero crescia,
Plantas e animais, e até a tribo sofria,
A mãe, pressionada, entendeu,
Teria que levar os filhos, o destino aconteceu.

A bruxa, com um olhar maldoso e feroz,
Queria obrigar a mãe a ser algoz,
"Escolha qual dos dois será a oferenda!"
A mãe não podia com decisão tão horrenda.

A sentença foi dita pela bruxa vingativa,
Uma criança de cada lado, decidiremos a vida.
Selecione uma fonte, a água vai correr,
A que estiver do lado da água, irá sobreviver.

Nesse momento, o Saci, cheio de malandragem,
Apareceu para fazer mais uma traquinagem.
Vendo as crianças naquela enrascada,
Decidiu aprontar para a bruxa recalcada.

Quando as águas começaram a brotar,
O Saci fez a magia conspirar,
As águas correram para ambos os lados,
A bruxa teve seus planos frustrados.

Assim, nesse conto antigo e mirabolante,
A astúcia do Saci foi mais importante,
Nenhuma das crianças a bruxa pôde ceifar,
Pois as águas correram para os dois lados, sem parar.

E assim, a bacia hidrográfica se formou,
Águas Emendadas, onde a bruxa encontrou
Seu destino tramado pelo saci brincalhão,
Enquanto as crianças escaparam, sem arranhão.

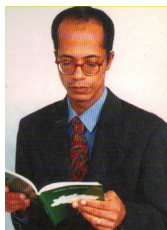
A lenda da fonte encantada, assim se tornou,
Um exemplo de astúcia, onde o bem triunfou,
E nas Águas Emendadas, agora purificadas,
A história das crianças e do Saci será sempre lembrada.

Ilustração: *Luiz Felipe Vitelli*

XIKO MENDES

Cadeira nº 6

Patrono: Olímpio Gonzaga



Geralista do Parque Nacional Grande Sertão Veredas e *Baiangoneiro* de Formoso-MG, **Xiko Mendes** (pseudônimo de Francisco da Paz M. de Souza) é professor da Secretaria de Educação do DF, Especialista em Gestão Ambiental (UCB) e Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (UnB). É membro efetivo e cofundador da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC), na qual ocupou a Presidência entre 2017-2019. É membro efetivo da Associação Nacional de Escritores – ANE. É pai de dois filhos: Maíra Evelin e Rodrigo Mário. Publicou em livro: *O Mito da Interiorização Através de Brasília* (1995), *Formoso de Minas no Final do Século XX – 130 Anos* (2002), *Celebração de Um Momento Único* (2003), *Eco-História Local: Formoso em Sala de Aula* (2007), *O Menino da Capuava* (2007), *Ideias para um novo projeto de cidade em Formoso de Minas* (2007), *O Centenário de Guimarães Rosa* (2008), *FuXiko na tribuna* (2008), *Sonhos, Silêncio e Saudade em minha viagem ao fundo do Lago Formoso* (2012), *Sorrisos de Medusa transformam Sonhos em Pedras* (2013) e *Guia Cultural e Ecoturístico do Entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas* (2013). Em edição eletrônica: *Fronteiras da Trijunção: representações e memórias do Sertão-Gerais no Parque Nacional Grande Veredas* (2018). Desde 1996 é organizador ou coautor de várias antologias, entre elas: *Hipocrene: Vozes e Vivências Escola-Comunidade* (2016) e *Miragens Flutuantes* (2020). Também é autor de *Flor de Esteva: memória e melancolia* (inédito).

Centésimo ano da Pedra Fundamental de Brasília

*“**Carta**” **Aberta** aos que presenciarem a
“Festa-Espetáculo” para comemorar o
“Ano 150 da **Pedra**”, em 7/9/2072.*

Diga-me: quem é o “Piloto desse Plano”?
Para quê é feita essa Cápsula do Templo?
Qual o Legado desse tal Centésimo Ano?
Tem *Heróis Invisíveis* neste Monumento?

No Selo Oficial as *Invisibilidades Seletivas*
Já elegeram as “Estrelas deste Espetáculo”.
E em meio às Efemérides Comemorativas,
Venho desenterrar a Cápsula do Anonimato.

Americano do Brasil e Rodrigues Machado
Foram parlamentares autores desse Projeto.
E Epitácio Pessoa é o personagem coroadado;
Mas **ele nada fez**: apenas assinou o Decreto!

No artigo 3º da 1ª Constituição Republicana
Constou como **fato inédito**: *mudar a Capital!*
Mas foi de Lauro Müller essa atitude soberana
Em prever o Quadrilátero do Distrito Federal.

Lauro Müller é mais **um entre os Esquecidos!**
Se lembram de Balduino Ernesto de Almeida
E esquecem Deodato Louly, “O Convencido”
De que **Planaltina seria a “Cidade Eleita”**.

Lembram do astrônomo belga: o Luiz Cruls
E não citam os Personagens lá em Formosa!?
E lá se hospedou o Visconde de Porto Seguro!
E Luziânia, por que excluí-la dessa história?

O Evangelino Meirelles veio lá de Luziânia:
Discursou em nome de Americano do Brasil.
Mas toda “*Retórica sobre a Pedra*” é litorânea
Porque ignoram Goiás e seu Esforço Varonil.

Nessa “*Cápsula do Templo das Fantasia*”,
Amnésias Seletivas deixam fatos para trás.
Apagam da *Certidão da Origem de Brasília*:
Luziânia, Formosa, nossa Planaltina e Goiás.

Passaram-se 33 anos do **Início da República!**
Em 1922, no **Centenário da “Independência”**,
Vieram aqui e lançaram o *Obelisco da Dúvida*:
Planaltina foi incluída na *Lista de Preferências*.

E por mais 33 anos eis que essa “*Pedra Filosofal*”
Não decifrou nosso Enigma: **onde seria Brasília?**
Só foi Símbolo e Sofisma da Mudança da Capital!
Em 1955, Planaltina foi descartada, mas iludida.

Em 55, num 15 de abril, veio a triste Decisão:
Após tantos Estudos, Comissões e fili-Granas,
Uma empresa estrangeira definiu “nossa opção”:
A “*escolha do sítio*” é invenção norte-americana!

Foi a *Donald Belcher*, em detalhado Relatório,
Quem colocou Planaltina como **2ª Alternativa**.
E o sonho de ser a Capital morreu sem Velório:
Coube aos planaltinenses uma *pedra morta-viva*.

Como todo **morto-vivo** é um ser mítico-fabuloso,
Quando o *Sítio Castanho* se tornou *Plano Piloto*,
Planaltina, o *Sítio Verde*, num esforço melindroso,
Quis e faz da Pedra seu *Mito-Epônimo* Boquirroto.

A **Pedra Fundamental de Brasília** virou Relicário
De tantas narrativas sobre a **Planaltina Imagi-Nada**.

Sua “Escrita da História” é Retrato do Imaginário
Que, de “*Cidade Eleita*”, se tornou **Sofis/môNada**.

Presa à **Cápsula de um tempo congelado e mítico**,
Planaltina e sua Pedra Fundamental são Antíteses
Da ressignificação de seu Passado com olhar crítico
Sobre o que Brasília fez com ela e “*eles não dizem*”!

Evitam dizer sobre a **Planaltina Subterrânea**,
Dividida em duas cidades: **no DF e em Goiás**.
Na *Cápsula do Anonimato* dessa **Saga Inumana**,
Mutilaram seu território, o Cerrado e coisas mais.

No **Ritual de Ressignificação** de sua Identidade,
Propomos um **Memorial das Águas Emendadas**,
Como *alegoria-contraponto* à sua Historicidade
Na arqueologia de busca das *Memórias Mutiladas*.

De Tudo restará do **100º Ano** da Pedra Fundamental,
O Sonho-Arquétipo de uma **Planaltina antes Goiana**,
Com suas *Tradições Preexistentes* ao Distrito Federal,
Síntese do que fizeram dela: uma *Miragem Republicana*!

Arraial de São Sebastião de Mestre d'Armas, existente já em 20/01/1811 (atual Planaltina), Brasília – DF, 100º Aniversário da Pedra Fundamental, Início de Setembro de 2022.

Acadêmico não é imortal

Entre Logos e Demiurgo,
Vasculho nas entranhas do meu silêncio,
A Alma do Mundo. Nele encontro Deus, sozinho,
Com o último Livro da Terra,
Proferindo o último discurso
À véspera do Apocalipse:
"Salvem as Academias de Letras, Artes e Ciências!
Mas... Antes, deixemos no Exílio das Vaidades,
Os ditos Imor/ta/is sem Obras Imortalizadas".